

# SEARA

OUTUBRO DE 1969

PREÇO 6\$00

NÚMERO 1488

Director e Editor: **AUGUSTO ABELAIRA**

Director Adjunto: **VASCO MARTINS**

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# NOVA

# ELEIÇÕES

1969

## A LIBERDADE

## CONQUISTA-SE!

## Livros

### Uma Apologia do Neo-sindicalismo

«Economia do Trabalho»,  
por Mário Murteira  
(Liv. Clássica Editora, 1969)

SE as coisas raras são as mais apetitosas, um livro escrito e editado em Portugal sobre problemas do trabalho não poderia deixar de suscitar um interesse muito particular. Aos amadores de juízos sumários que, em face disso, nos perguntassem se o nosso apetite foi satisfeito ou traído, apenas poderíamos dizer que quando nos preparamos para comer uma laranja não estamos à espera que ela nos venha a saber a melão: só a podemos apreciar em termos de laranja...

O Autor tem o mérito de nos situar, desde o início, diante do problema da objectividade das ciências humanas e, claramente, aponta a impossibilidade de abordar pelo menos certos temas de Economia do Trabalho sem partir de posições doutrinárias. Vai mesmo ao ponto de atribuir a este ramo da análise económica uma vocação reformista, orientada no sentido de uma «promoção económica e social das classes trabalhadoras, quer nas economias industrializadas, quer nas em vias de industrialização». E mais

não seria necessário acrescentar para se compreender que a perspectiva do A. se coloca por inteiro dentro dos limites de um sistema capitalista, em cuja evolução o economista do trabalho teria um certo papel a desempenhar. Papel esse que consistiria afinal em elucidar os poderes públicos, de modo a que suas políticas social e económica se harmonizassem dentro de um quadro de desenvolvimento equilibrado, conciliando da melhor maneira o interesse colectivo com as preferências individuais, tudo isto respeitando os princípios de «justiça e paz social». Diz-se, em determinado passo, que «os poderes públicos defrontam a tarefa de construir um sistema de relações industriais que, simultaneamente, seja economicamente funcional e socialmente representativo». E, por certo, um dos elementos mais salientes na ideologia que constantemente transparece do texto, esse de imaginar a sociedade segundo os moldes tripartidos de uma delegação à O.I.T.: os poderes públicos, os patrões, os trabalhadores. Se o próprio A. fala da evolução do movimento sindical, desde o seu aparecimento nas primeiras sociedades que se industrializaram, em termos de «conquista», parece que seria lógico deduzir que a resistência oposta pelo Estado mais não era do que a tradução dos interesses dos detentores privados dos meios de produção. Será por simples ingenuidade que se refere que nas economias industrializadas ocidentais, pelo facto de serem sociedades democráticas, «os poderes públicos — salvo circunstâncias excepcionais — não se encontram em condições de impor medidas no domínio dos rendimentos», quando atrás se havia admitido como «possível uma política nacional de salários resultante do entendimento entre o Estado, organizações patronais e sindicais»? Também daqui seria fácil concluir que, se é possível uma política de salários (rendimentos dos trabalhadores), mas o não é uma política de rendimentos (que, portanto, atingiria também os rendimentos patronais) é porque o peso das partes em presença não é idêntico, e aquele entendimento seria mais propriamente uma imposição. Não abundam, de resto, os exemplos de gran-

des organizações sindicais nos referidos países que se tenham prestado a tal entendimento, com as consequentes limitações à sua vocação reivindicativa, que o A. é, aliás, o primeiro a acentuar.

Em esquema, a doutrina exposta pode ser resumida do seguinte modo: nas actuais sociedades evoluídas, a uma fase inicial de crescente proletarização (fase de acumulação capitalista), cujo significado profundo consiste, para o A., «na existência de um grupo social que se julga à margem da sociedade», seguiu-se um longo processo de luta por um lugar na dita sociedade, que culminou com o reconhecimento legal da actividade sindical e da sua importância no funcionamento normal dos mecanismos sociais. Conclusão: «Os sindicatos são levados a integrar-se na ordem estabelecida em lugar de hostilizá-la. Sendo assim, o cunho ideológico dos sindicatos tenderá a desvanecer-se, e o sindicalismo tornar-se-á, cada vez mais, um *business unionism*, isto é, um movimento interessado na resolução dos problemas concretos relativos a salários, condições de trabalho, segurança social, e outros temas imediatamente relacionados com a situação material das classes trabalhadoras». Mais ainda, e voltamos a citar, por se tratar talvez da mais clara afirmação doutrinária de todo o livro: «Pode considerar-se o sindicato como a grande força conservadora do sistema capitalista, no sentido de que a sobrevivência e o êxito desse sistema se deve em grande parte à integração das classes trabalhadoras na sociedade, conseguida através do movimento sindical; sem a abertura progressiva das estruturas onde a industrialização inicialmente decorreu a esse movimento, soluções socialistas, ou outras de feição análoga, ter-se-iam possivelmente generalizado pelos países que se industrializaram». Transparece aqui um sério aviso a «certos» poderes públicos: estamos já na segunda metade do século XX, a era dos grandes conflitos sociais está ultrapassada e deixou-nos como ensinamento que o movimento sindical é um facto não só ineluctável mas até desejável; logo, em nome do progresso económico-social e da paz

→

Companhia de Seguros  
"A NACIONAL"

S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 18 — LISBOA  
CAPITAL E RESERVAS EM 1967

— 268 544 contos —  
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Correspondentes em todo o Continente, Ilhas  
e Ultramar

Delegações: PORTO, COIMBRA, AVEIRO,  
MADEIRA e MOÇAMBIQUE



estúdio

de publicidade, lda.

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 2, 4.º DTO. — LISBOA 1  
TELEFONES: PPC 046062/3/4 — TELEGRAMAS: JUMICIS.

nas ruas, apressemo-nos a criar, «de cima para baixo», os quadros legais que permitam essa acção sindical. Os países em processo de desenvolvimento devem aprender essa lição se não querem ver-se ameaçados por soluções socialistas ou outras análogas... O momento é, sem dúvida, oportuno para a apresentação de tais propostas (e só teríamos, de resto, que regozijar-nos se fossem aceites). De facto, quando se tende a insuflar um ar neocapitalista numa economia ainda longe da abundância mas cujas próprias superestruturas foram claramente ultrapassadas, a ideia de criar peça a peça um sindicalismo que, virgem de uma tradição combativa, possa desde logo assumir um carácter colaborante de *business unionism*, é por certo aliciante. Acontece apenas que as locomotivas, mesmo as da História, não funcionam só com ideias. Às vezes até se põem a andar sôzinhas, o que é sempre útil não esquecer...

Para além dos aspectos doutrinários que se acabam de mencionar, essenciais na medida em que não terá sentido uma leitura da obra que os não tenha permanentemente em conta, parece-nos, mesmo assim, que tal leitura não se poderá levar à conta de tempo perdido. Com efeito, são numerosos os conceitos básicos ligados à economia do trabalho apresentados de maneira clara e acessível, o que constitui uma boa introdução à parte estritamente técnica destes problemas. Têm igualmente interesse certas análises relativas a questões nacionais (emigração, repartição funcional dos rendimentos e produtividade, nível de desenvolvimento dos recursos humanos, etc.), e bem assim a outras de ordem mais geral (crítica da fixação de salários em função da produtividade, políticas de emprego e necessidade da sua fundamentação doutrinária, etc.).

JOÃO MARTINS PEREIRA

## TEXTOS LITERÁRIOS

Uma colecção ao serviço  
de professores e alunos  
de Literatura Portuguesa

ALGUNS VOLUMES REEDITADOS

■ **ÉCLOGAS DE BERNARDIM RIBEIRO** (5.<sup>a</sup> edição)

■ **POETAS DO SÉCULO XVIII** (3.<sup>a</sup> edição)

■ **QUADROS DA CRÓNICA DE D. JOÃO I** (11.<sup>a</sup> edição)

de *Fernão Lopes*

■ **O DESCOBRIMENTO DA INDIA** (6.<sup>a</sup> edição)

de *João de Barros*

■ **AMADIS DE GAULA** (5.<sup>a</sup> edição)

Todos estes volumes com introdução e notas pelo Prof. Rodrigues Lapa

■ **A POESIA LÍRICA CULTISTA E CONCEPTISTA** (Colecção de poesias do século XVII, principalmente de «Fénix Renascida») (4.<sup>a</sup> edição)

Prefácio e notas do

*Prof. Hernâni Cidade*

PEDIDOS À «SEARA NOVA»

### VITRINE DO MÊS

OBRAS QUE SE RECOMENDAM

GRACE METALIOUS

**PARAÍSO SEM ADÃO**

Pela autora de **PAYTON PLACE**, um livro que representa a consagração de Grace Metalious: pela ousadia do tema; singeleza comunicativa do enredo, a dramaticidade aberta e latente, **PARAÍSO SEM ADÃO** é talvez o ponto mais alto da obra da popular romancista.

Col. **CONTEMPORÂNEA** — 356 págs. — 65\$00

ANATÓLIO SCHWARZ

**O CÓDIGO DA VIDA**

Fundamentalmente consagrado a um dos mais apaixonantes problemas da biologia — o **enigma da hereditariedade** — **O CÓDIGO DA VIDA** aborda ainda, numa linguagem clara e acessível, entre outros temas de candente actualidade: a transplantação de órgãos, a cura das doenças do coração.

Col. **PROBLEMAS** — 248 págs. — 45\$00

ENZO BIAGI

**CREPÚSCULO DOS DEUSES**

Uma amálgama impressionante de reportagem e evocação dos anos sombrios do hitlerismo: as vozes de Dönitz, Paulus, Rommel; Himmler e Göring; e o reverso da medalha — Anne Frank, Ernest Wiechert, e tantas vítimas anónimas.

Col. **DOCUMENTOS HUMANOS** — 184 págs. — 40\$00

ALMEIDA GARRETT

**FOLHAS CAÍDAS**

Do brilhante e extenso estudo introdutório de José Gomes Ferreira, datado de 1954, citam-se as palavras de Garrett de apresentação a **FOLHAS CAÍDAS**: «Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais deles do que de nenhuns outros que fizesse».

OBRAS LITERÁRIAS DE ALMEIDA GARRETT — (2.<sup>a</sup> edição) — 166 págs. — 50\$00

**PORTUGÁLIA EDITORA**  
AV. DA LIBERDADE, 13-3.º LISBOA